



A nova Lei de Imprensa apreciada numa linguagem que não desgosta, nem irrita a censura...

A lei de imprensa, que começará a vigorar, é dos documentos oficiais mais curiosos que temos lido. Se aos vulgares cidadãos fosse permitido tirar da situação e se os nossos amáveis censores não julgassem que pretendíram achincalhar os homens que nos governam, recomendar-lhes-íamos a leitura do estranho documento, não para que acatassem a sua doutrina confusa, mas para que se rissem.

Nem os artigos humorísticos do sr. Brun, nem as cabriolas caricatas dos paliacões, nem as piadas chulas das revistas do anocentem tanto poder de alegria concentrada capaz de fazer rir o cidadão sisudo como a lei de imprensa. Teve razão o artigo legislador em transformar num documento reinado um diploma onde se ataca por todas as formas esta coisa insignificante: a liberdade de pensamento. Nesta triste situação que, ou melhor ou pior, vamos atravessando, é de alegria e de piada que precisamos. Aos que nos dirigem com tanta competência e acerto incube, pois, emprestar a alegria do seu espírito à situação presente, que por ser dirigida por espadas não possui alma, alegria nem espírito. Bem haja, portanto, o alegre legislador...

Mas o mais curioso ainda é que, na nova lei de imprensa, o artigo onde se diz que há liberdade de *isto ou aquilo*, é negado no capítulo onde se afirma ser proibido *aquele e isto*. Assim, no mesmo diploma se dá liberdade de praticar o que é proibido. Não é uma lei - é um paradoxo, uma contradição.

E por isso e ainda por outros párrafos e artigos que o documento contém que nos lhe achamos graca, espírito reinado. E como não queremos que nos julguem contra a situação política actual, que tão lindos aspectos oferece, quase juramos que o legislador, que deve ser um dos técnicos, dos competentes com que quiseram enriquecer a governação pública, pretende, apenas, com as suas piadas legislativas, não regular o exercício da liberdade de imprensa - que é tão melindroso e importantíssima - mas simplesmente divertir o público que, por esta época de angustia, tão triste e desalentado anda.

Portanto, mais uma vez, bem haja o legislador...

O que nos admira é nessa mesma

lei, nesse engracado documento, se enumerar, também, o que é permitido escrever. Revela este original parte da lei em questão uma extraordinária argúcia e um estupendo critério jurídico de legislador. Além de uma infinita graca, verifica-se, pela primeira vez, que se legisla para o que é permitido e não para o que não se permite. Por este critério parece-nos que mal não andaria o governo em mandar publicar leis onde se dê ao povo liberdade de transitar nas ruas, liberdade de conservar-se parado quando lhe apetece, liberdade de comer, liberdade de dormir.

Mas o mais curioso ainda é que, na nova lei de imprensa, o artigo onde se diz que há liberdade de *isto ou aquilo*, é negado no capítulo onde se afirma ser proibido *aquele e isto*. Assim, no mesmo diploma se dá liberdade de praticar o que é proibido. Não é uma lei - é um paradoxo, uma contradição.

E por isso e ainda por outros párrafos e artigos que o documento contém que nos lhe achamos graca, espírito reinado. E como não queremos que nos julguem contra a situação política actual, que tão lindos aspectos oferece, quase juramos que o legislador, que deve ser um dos técnicos, dos competentes com que quiseram enriquecer a governação pública, pretende, apenas, com as suas piadas legislativas, não regular o exercício da liberdade de imprensa - que é tão melindroso e importantíssima - mas simplesmente divertir o público que, por esta época de angustia, tão triste e desalentado anda.

Portanto, mais uma vez, bem haja o legislador...

A União dos Interesses Económicos prepara-se para estender as garras aduncas sobre a população!

PORTO, 16. - As comissões paroquiais da União dos Interesses Económicos reúnem com a presença de um representante de Lisboa, ou seja o secretário geral das forças do ócio vivo.

Certamente não daríamos uma linha sobre esta reunião, se não fosse a sua importância a aconselhar-nos a que fizessemos o contrário. Na assembleia não se discutiu apenas a questão orgânica do partido, quer dizer: da Confederação Patronal da União Nacional dos Interesses Económicos. Lá saíramos também a isenção, o patriotismo, o sacrifício que todos os "unificadores" tencionam dispensar para "a reconstrução da vida nacional"...

O povo trabalhador ficará, dest'arte, maravilhosamente saneado, financeira e administrativamente... porque a sua triste saudade e a sua triste algibeira ficarão cheias de ar, mas completamente vazias do que faz falta à vida individual e colectiva das famílias que trabalham e são espesinhadas...

No entanto para que os papalvos abram desmesuradamente a boca ao espanho de que originaria tanta hipocrisia ministrada pelos do "ócio vivo", eles vão dizendo, velhamente, que a U. I. E., "dentro da vida económica portuguesa", não é um inimigo, mas sim um aliado, pois que tende pela intensificação da produção e utilização máxima dos meios de trabalho da comodidade a equilibrar a produção e o consumo, suportando a crise de trabalho e contribuindo, portanto, para o desafogo material do ócio...

A reunião decorreu animada, a tal ponto, que os levou a afirmar que as sagradas ideias da U. I. E. calou fundo no ânimo das classes produtoras...

E assim deve ser, de facto. As classes que produzem, devem estar satisfeitas com as ideias feroces de esbulho, de rapina, de encarecimento, de adulteração, postas em prática pelas classes comerciais e industrialistas com todo o fervor sanguescante...

E como conhecem, os da U. I. E., a dedicação simpatia que as classes produtoras tributam, daí a declaração perentória, "esperar a actual situação", de que há a necessidade de se intensificar a ação da U. I. E., no sentido de auxiliar a realização do seu programa que é mais ou menos o do movimento militar de 28 de Maio...

Os leitores, que não são leigos nenhuns, entendem perfeitamente o que aquilo quer significar. A U. I. E., vai agir, procurar infiltrar-se na situação política militar, escamoteando-a de molde a que a sua usura, a sua ganância, a sua exploração, a sua rapacidade, tenham um maior desenvolvimento do que até aqui têm tido. E' o avolumamento da riqueza, trapaceira para os filiados da U. I. E., é a progressividade da miséria espectral para o proletariado agrícola.

Em estas condições, as castas mercantilistas arregimentadas na U. I. E., transmitem à vulgaridade pública o grau supremo do seu estudo, adiantado para produzirem, em alta escala, as terríveis consequências da escravidão, da fome, das agruras, do desemprego de inúmeros lares.

Tornam-se, assim, classes produtoras... da morte a retalho por meio de envenenamento e de surpreendente dos principais elementos de existência humana.

Talvez seja, portanto, nestas classes, que as ideias da U. I. E. calasssem bem fundo... O fim patriótico da U. I. E., asseveraram ainda mui cínicamente as comissões paroquiais daquele antrio de salteadores, a

Como vêem, os fins da reunião foram importantíssimos.

C. V. S.

A defesa da moeda francesa

PARIS, 16. - Caillaux conferenciou esta manhã com os representantes dos grandes estabelecimentos de crédito sobre os exageros cometidos no mercado de câmbios, e lembrou-lhes dum forma imperativa, a obrigação de não autorizarem compras de dívidas estrangeiras que não fossem destinadas às necessidades comerciais, devidamente justificadas. Neste sentido será daqui em diante exercida uma rigorosa vigilância.

Como vêem, os fins da reunião foram importantíssimos.

C. V. S.

O DELIRIO DO CRIME

A polícia da esquadra do patio de Dom Fradique, para vingar a agressão a um cívico, deixou às portas da morte um cauteleiro

segundo na Sala de Observações, entre a vida e a morte.

* * *

O gesto alucinado do Casimiro não pode merecer o aplauso de quem tem uma alta concepção da vida. Só a embriaguez e ao desprão que revela perante os sagrados direitos do trabalho e os principios mais rudimentares de humildade. Não é justo que as economias se façam desta maneira, nem se concebe que os operários sejam vítimas do espírito perdidário das vereações transactas - visto que disso não lhes cabe a menor culpa.

Mas é muito mais revoltante, merece os vivos protestos de todas as pessoas de bem a atitude desses selvagens que se lançaram sobre o Casimiro, quando o acto desse só deveria ser punido pelos tribunais competentes.

Um homem selvaticamente espancado

Antontem, pelas 23 horas, numa casa de pasto existente na rua D. Pedro V, conhecida pelo "Faz Frio", encontrava-se um grupo de indivíduos comendo, quando entraram no estabelecimento o guarda 391, da 3.ª esquadra, conhecido pelo "Fadistinha de Alfama", ou ainda o "Pala de Bronze", que autuou o dono da casa sob o pretexto de que pão e queijo não era comida e, portanto, não podia vender vinho aquela hora.

O dono do estabelecimento disse que ia reclamar da multa. Nesta altura um dos fregueses levantou-se da mesa e dirigiu-se ao balcão, apoiando as palavras do proprietário do referido estabelecimento, pelo que o "Fadistinha de Alfama" lhe deu voz de prisão, dizendo que se intrometera no seu serviço. Um outro freguez chamado Augusto Alves Sequeira, peixeiro, residente no Alto Longo, 54, pediu ao 391 que não mantivesse a prisão pois que o indivíduo era casado e tinha filhos. O "Fadistinha" não só não fez caso do que o Sequeira lhe disse como ainda o feriu bastante numa das mãos com a espingarda. O Sequeira, vendo-se ferido, dirigiu-se imediatamente para o posto da Misericórdia. O guarda continuou alterando com o dono da casa, até que, dando por fatto o Sequeira, meteu num eléctrico e foi apanhá-lo à porta do referido posto. Acto continuo e sem mais nada vibrou-lhe uma pancada com a espingarda com tão pouca força que lhe fez uma enorme brecha na cabeça.

O 391 já é conhecido naquele posto por façanhas idênticas à que cometeu ontem, pois que costuma agredir os desgraçados que têm a infelicidade de lhe cair nas mãos, sucedendo às vezes os mesmos presos irem acudir ao posto da Misericórdia. O guarda continuou alterando com o dono da casa, até que, dando por fatto o Sequeira, meteu num eléctrico e foi apanhá-lo à porta do referido posto. Acto continuo e sem mais nada vibrou-lhe uma pancada com a espingarda com tão pouca força que lhe fez uma enorme brecha na cabeça.

Estes factos deram motivo à criação do estado de espírito em que somos encontrar os moradores daquele bairro.

* * *

O caso de agora tem correlação com o que acabamos de narrar. E se tal não houvesse, teríamos hoje apenas a registrar o acto de um alucinado e não a barbaridade de que na devida altura se falará. Vamos ver porquê.

No pátio da Pescaria, na rua de Santa Cruz, ao Castelo, 74, residem entre outras pessoas o cauteleiro Casimiro dos Santos Cardoso e sua mulher Hortense Augusta da Costa.

Ontem à tarde, seriam 18 horas, houve uma pequena altercação entre o Casimiro e a mulher por razões que pouco interessam à reportagem.

O Casimiro, que estava bastante embriagado, a certa altura agrediu a mulher. Esta gritou por socorro, acudindo, entre outras pessoas, o guarda cívico 1328, Manuel António Pires, em serviço na Exploração do Porto de Lisboa, que mora também no mesmo pátio.

A intervenção do 1328 irritou ainda mais o Casimiro que alucinado lhe disparou 6 balas da sua pistola *Destroyer*.

Gravemente ferido o 1328 refugiou-se em casa enquantos o Casimiro como um louco articulava alguma monossilábico.

Nisto, o segundo acto deste triste drama tem o seu inicio: o guarda cívico que andava de serviço afraiado pelos tiros entrou no pátio da Pescaria, onde ainda se encontrava o Casimiro com a pistola despejada.

Sem outra explicação aquele guarda descregou na cabeça do Casimiro uma violenta coronha com a pistola de vinho munido, tão violenta que o cauteleiro rolou sobre o solo. Depois pontapés, socos e novas coronhadas completaram o gesto heróico do guarda capitão do Casimiro.

Ainda o desgraçado não se tinha livrado do seu alívio e já de volta dele se encontrava mais cinco polícias fardados e um paissana que o moeram com pancadas.

De súbito ouviram-se cinco detonações: uns dois guardas, quando o Casimiro se encontrava no solo enrolado com um farrapão, desfechou a sua *Savage*.

Depois arrastado pelos selvagens o Casimiro lá foi conduzido para a esquadra do pátio de D. Fradique, onde voltou a repetir o seu desprão da barbaria da polícia. E sabe o leitor porque é que não foi mais longe e o batismo dos cívicos? Porque os presos que se encontram na esquadra do pátio de D. Fradique - esses presos são os implicados no caso do Banco Angola e Metrópole.

Ainda o desgraçado não se tinha livrado do seu alívio e já de volta dele se encontrava mais cinco polícias fardados e um paissana que o moeram com pancadas.

Como vêem, os fins da reunião foram importantíssimos.

C. V. S.

UMA DELIBERAÇÃO

A comissão administrativa do Municipio

A Câmara Municipal tomou ontem, por proposta do comandante Sousa Dias, a que se associaram todos os vereadores, a decisão de ir despedindo os operários à medida que as verbas para as obras forem desaparecendo.

A medida camarária além de ser antipática é significativamente odiosa. Antipática porque condena o trabalhador à miséria, odiosa pelo desprão que revela perante os sagrados direitos do trabalho e os principios mais rudimentares de humildade.

Não é justo que as economias se façam desta maneira, nem se concebe que os operários sejam vítimas do espírito perdidário das vereações transactas - visto que disso não lhes cabe a menor culpa.

Mas é muito mais revoltante, merece os vivos protestos de todas as pessoas de bem a atitude desses selvagens que se lançaram sobre o Casimiro, quando o acto desse só deveria ser punido pelos tribunais competentes.

O gesto alucinado do Casimiro não pode merecer o aplauso de quem tem uma alta concepção da vida. Só a embriaguez e ao desprão que revela perante os sagrados direitos do trabalho e os principios mais rudimentares de humildade.

Não é justo que as economias se façam desta maneira, nem se concebe que os operários sejam vítimas do espírito perdidário das vereações transactas - visto que disso não lhes cabe a menor culpa.

A cidade está uma vergonha. Não tem higiene, não tem luz, não tem estética, não tem bons pavimentos - não tem nada... Andar pelas ruas de Lisboa, mal empredadas, cheias de covas, é um martírio, e, além disso, a maneira infantil de se adquirir doenças incuráveis. É frequente ouvirmos queixumes de pessoas contra a circunstância de se sentirem extenuadas, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se sentem extenuados, quase doentes, a fim de escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estudo dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa que os operários que se

OS MILAGRES DE SANTA ISABEL

Um larápio feito Satanaz, uma montra transformada em máquina infernal e uma procissão desfeita pelo pânico

COIMBRA, 15.—A indignação que em grande parte da população desta cidade provocou a atitude parcialíssima do governador civil não permitindo que a banda ex-comungada do Tovisical tomasse parte na parte cívica dos festejos desta cidade, só terá prever a toda a gente acontecimentos graves.

No domingo 11, corriam fortes e alarmantes boatos. Dizia-se que elementos anti-clericais, numa revanche para com as atitudes do bispo-conde e do seu serventário, governador civil, estavam na disposição de impedir custasse o que custasse, a saída do cortejo religioso.

Na véspera saiu a público um suplemento do periódico esquerda, *Vida Nova*, na qual era violentamente atacada a atitude das autoridades locais, cuja destituição imediata exigia, ao mesmo tempo que aconselhava aos elementos liberais e avançados a calma nesta emergência, pois qualquer gesto impulsivo da saída da procissão, traria inevitavelmente um grande número de vítimas, em vista das dezenas de milhar de forasteiros que se encontravam na cidade.

Fosse ou não por isto, o que é facto é que o cortejo religioso organizou-se sem haver a mais leve nota discordante.

Porém, o povo encontrava-se debaixo de uma atmosfera terrorista, oitando-se toda a gente desconfiadamente contando ver surgir a cada momento os enviados de Satanaz...

Para carregar de cōres mais negras o ambiente, a autoridade pôz em prática excepcionais medidas de prevenção, que em vez de tranquilizaram a assistência, ainda mais aterrorizaram.

Viam-se as ruas fortemente patrulhadas com guarda republicana, e nas imediações do trajecto da procissão encontravam-se forças de infantaria da guarda, de armas ensaiadas, para o que desse e viesse. não faltando na chusma de agentes da *secretaria* que interrogavam ansiosamente a pacata fisionomia dos pobres diáblos que esperavam a passagem da procissão, a ver se descontavam algum hereje de ruínas intenções...

Deu-se o que fatalmente se teria de dar. O povo, debaixo dum enorme sobreexcerto produzido pelos boatos alarmantes, aliás confirmados pelas medidas do governador civil, sobressaltava-se ao mais leve rumor.

Quando a procissão já se encontrava em marcha, na altura em que o bispo-conde, debaixo do pálio, passava defronte do Arco de Almedina, ouve-se um estampido enor-mo, seguido de um intenso desfilar de violinos.

Fôr o sinal... A mole imitação da multidão, tomada de pânico, foge espavorida, atropelando-se, deixando tudo abaixo numa ânsia doida de salvamento, arrastando na sua fúria, carreira crianças, mulheres e velhos, que caem e eram impiedosamente pisados.

O movimento de desbandada, que teve inicio junto à Pastelaria Central, na Rua Ferreira Borges, foi alastrando, até ao bairro de Santa Clara—mais dum quilômetro de distância—onde teve intensa repercução.

A fundo da Ponte a multidão arremessou-se por uma ribanceira que confina com o Rio Mondego.

A confusão é medonha; os mais calmos são também arrastados pela turba.

Mulheres e crianças choravam afixivamente em altos gritos, por se verem atas-dados dos pais envolvidos na mole humana.

As forças da guarda, de arma apurada, correm desordenadamente a enfrentar um inimigo invisível, o que aumentou mais ainda o terror da multidão.

A procissão desorganizou-se por completo. Homens que a companionh largavam as fochas e fugiam cheios de medo, levando uns meninos mascarados de anjos, outros deixando anjinhos e tudo...

A pena não pode descrever, por mais que se esforce, todo o patético da cena, daquela imensa multidão de *crentes* em fuga, sem o fôrro profundo e sincero da fé, que dâ ánimo a todas as empresas...

E... afinal, para tanto pânico, tanto susto? Que tinha sucedido?

Apenas isto: um amigo do alheio surpreendido no campo de manobras foi agarrado, opôndo súbita resistência. A multidão compriu-se, receiosos, partiu-se o cristal duma montra com enorme estampido, e afetos sem gentilharia toda a fugir precipitadamente, julgando ser perseguida por uma legião de enfurecidos herejes...

Resultado imediato e positivo: grande número de ferimentos, uma mulher com uma perna partida, um homem com um braço deslocado, *anjinhos* com as azas partidas, inúmeros objectos perdidos, algumas pessoas sem carteira... e um formidável susto do sr. bispo-conde, que, pelos modos, tinha feito de véspera o seu testamento, disposto a arrostar heróicamente com as feras dos heréticos, incorporando-se na procissão, não sem ter tido o cuidado de se rodear de beleguins para lhe guardarem a integridade do sacrifício costado.

... E a procissão, que só muito tarde e dificilmente se reorganizou, lhe seguiu entre os lamentos de autorizados católicos, todos pesarosos com o sucedido, não deixando, contudo, de proclamarem mais um autêntico milagre da Rainha Santa, pois, segundo sua opinião, não obstante os laivos da tragédia que houve em volta da procissão, poderia ser muito pior, isto é, em vez de algumas pernas e cabeças partidas sem transtorno de maior, podia haver cabeças decepadas, membros trucados, etc., etc... o que prova que a Santa Isabel continua a ser a padroeira de Coimbra...

Que o digam os mesários da irmandade da Rainha Santa, que arrecadaram, segundo os periódicos, para cima de trinta contos, piede de promessas que o povo ignora e crêdulo foi ali deixar!...

No procissão tomaram parte também operários, alguns até que se têm afirmado anti-religiosos.

Este gesto apenas revela a sua tacanha mentalidade e a pouca convicção nos principios que dizem perfílio.

Entre estes vimos um indivíduo de nome Luis Monteiro de Lemos Borges, empre-gado nos escritórios da C. P., em Lisboa, que ultimamente apareceu aqui como delegado na província do *Socorro Vermelho*.

Este indivíduo ia na procissão enver-gando o hábito da Ordem Terceira de S. Francisco, credem de que é irmão, muito enciso do seu papel, a harmonizar, talvez,

Os últimos acontecimentos

O Partido Republicano Radical mantém a sua atitude oposicionista

Do Partido Republicano Radical recebeu-se a seguinte nota que passamos a publicar:

«Considerando que o pronunciamento que se seguiu à revolução de 28-29 de Maio logo a aprisionou, e completamente a veio a liquidar pelo último golpe militar, deportando o seu chefe; considerando que, embora do actual ministério façam parte algumas cidadãos merecedores do melhor conceito público, nele se encontram elementos nefastos que há de dissociá-lo, inutilizando toda a ação benéfica que intenta; resolvem manter para com o actual governo a mesma atitude que, em nota de 3 de outubro, tomou para com o governo Gomes da Costa, combatendo a influência militarista que, dia a dia, mais acentua o seu domínio.

Resolvem também o Directório dissolver as comissões políticas das freguesias de São Sebastião da Pedreira, Socorro e Madalena, de Lisboa, e as comissões políticas de Coimbra, irradiando todos os membros em efectividade dessas comissões, bem como os da direcção do Centro 19 de Outubro. E declara que não estão nem estiveram nunca filiados no partido os grupos «Os Libertadores» e «Juventude Radical», de Lisboa, e o grupo «Ação Radical», de Braga.»

Os vencimentos do presidente do Ministério

A secretaria da Guerra enviaram-nos a seguinte nota:

«Em virtude da proposta do general sr. Carmona, o conselho de ministros resolvem anular o decreto que concede ao presidente do ministério os vencimentos de presidente da República.»

Um longo abalo sismico

VITORIA, 16.—Registou-se ontem à tarde um forte abalo de terra, que começou às 2,35 da tarde durante mais duma hora, a uma distância avaliada em 1.000 milhas, provavelmente na região de Alaska. H.

Grande excursão fluvial

A comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa realiza no dia 15 de agosto um passeio fluvial pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, havendo um desembarque na Trajaria, onde se realizará um «pic-nic» no pinhal, depois do que se prosseguirão o passeio até ao Seixal regressando daí a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gasolina da Cooperativa dos Caixeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço, pelas 8 horas, devendo regressar-se às 20 horas no mesmo local.

Acompanha a excursão um excelente grupo musical, estando a comissão organizadora elaborando um interessante programa de diversões populares que muito hão-de agradar aos excursionistas.

Os bilhetes estão à venda na administração de *A Batalha*, na residência do conselho do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10.000, podendo ser pagos em 4 prestações de 2.500 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meia bilhete.

59 bancos fálgidos

NEW YORK, 16.—Cincoenta e nove bancos americanos encerraram as suas portas, em consequência dos pesados prejuízos sofridos em especulações agrícolas na Flórida. (—L.)

AGREMIAÇÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade os 21 Manufactures de Calçado. Reúne hoje pelas 21 horas, para apreciar o relatório de contas, e resolver sobre o seu estado financeiro.

IMPRENSA

De Teatro

A revista *De Teatro* ocupa hoje um dos primeiros lugares nas publicações de especialidade. Com uma feição moderna, dotada de um admirável aspecto gráfico e ilustrada por uma seleta colaboração, revista *De Teatro* marca hoje um acontecimento que a justo tecer encantos.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o N.º 44 dessa interessante revista. O seu aspecto gráfico é qualquer coisa de notável. A sua colaboração, do mais fino que há no gênero de teatro, não desmancha o rico e brilhante conjunto.

De Teatro da-nos neste número uma agrada surpresa na sua *Separata*: uma peça em Esperanto intitulada *En tio tempo*, de autoria do conhecido esperantista Saldanha Carreira.

Por todos esses motivos *De Teatro* recomenda-se ás pessoas para quem uma boa publicação vale por uma reliquia.

TEATRO AVENIDA

Hoje, às 21,30
Tel. II. 4356

A SENSACIONAL PEÇA

O Dr. da Mula Rúca

12 números de música 12

Orquestra Jazz-Band

Hoje, às 21,30

Trindade

Hoje
A's 9 1/4 da noite

O HILARIANTE

PATRIOTA

comédia em 3 actos, tradução de Lino Ferreira—Encenação da professora Lucinda Simões.

No final do espectáculo exhibir-se-há o «film» cinematográfico português intitulado

O Milagre de Fátima

NAS OFICINAS DA COMPANHIA PORTUGUESA

Recrudescem as violências—Despedimentos—Uma polícia especial e os segredos da Companhia...

Todos os sabem, mas não é demais recordá-lo: a incompatibilidade estabelecida entre a Companhia Portuguesa e o seu pessoal data de há bastantes anos e tem como origem as lutas sustentadas entre as duas partes pela recusa sistemática da primeira em atender as justas e lógicas aspirações dos ferroviários, os principais sustentáculos dessa poderosa empresa.

Dai a violência como norma adoptada para conservar aqueles um absoluto mistério. De várias maneiras ela é praticada.

Liberdade de fazer reclamações não existe, as comissões de pessoal não são atendidas, é como se este não existisse, ou por outra: é considerado como a máquina que produz continuamente e que, quando gasta, se põe de lado como sucata.

Acima de tudo o desenvolvimento material da Companhia, quer locupletando-se com o que põe quando das sobretaxas sobre o sistema tarifário, quer melhorando com o seu produto, por vezes destinado exclusivamente ao pessoal, material, renovando linhas, ampliando e embelezando estações, adquirindo matéria prima para novos e permanentes melhoramentos, por conveniência, que parecia paradoxal, da própria situação financeira, para que os benefícios concedidos pelo Estado, a maior parte das vezes, a pretexto da precária situação do pessoal, não desapareçam e com elas a probabilidade de novas melhorias e aumento de capital social, traduzido em móveis e imóveis, isto é: riqueza positiva.

Os ferroviários, esses encontram-se vergados ao peso da maior das opressões, não reagindo contudo por intermédio da respectiva organização. Quando se resolvem e disserem mais um pouco de energia, que tem, por erro não ser continua, lá conseguem um diminuto benefício, em relação ao que já perdem.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável actuação e robustez para enfrentar tais ataques.

Demolidos, contam-se à dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe

A BATALHA

A higiene nas padarias e locais de venda do pão

(Tese a apresentar ao I Congresso de Indústria de Alimentação, pelo Sindicato dos Manipuladores de Pão de Coimbra)

A observância dos preceitos de higiene é o mais seguro penhor da prosperidade da saúde pública, é a mais eficaz medida preventiva e profilática contra todas as doenças. O contrário, é esquecer as regras da higiene, é o principal, senão o único factor do nascimento e do desenvolvimento das doenças que atingem a humanidade.

A sífilis, a tuberculose, o cancro, a lepra, etc., etc.—todos estes grandes flagelos que infelicitam os humanos—têm uma origem comum: o menosprezo a que os humanos votam a higiene.

O desrespeito pelas regras da higiene é, pois, o principal agente e veículo das doenças.

Nós compreendemos esta verdade, e, por isso, temos o dever de nos esforçarmos por colaborar, tanto quanto em nossas forças caiba, nessa obra gigantesca de higienização social. A nós, manipuladores de pão, assiste, sobretudo, o direito de abordar, sobre este assunto de magnifico interesse social, o capítulo da higiene nas padarias e locais onde se vende o pão.

Verificada a falta de higiene na maioria das padarias e locais da venda do pão, e analisados os perigos que daqui advêm para a saúde pública, cumpre aos sindicatos estabelecer algumas bases gerais para a luta em prol da higiene. Essas bases podem sintetizar-se nas seguintes medidas, por cuja realização os sindicatos pugnarão.

Aos sindicatos compete:

1.º Nomear comissões, que tenham por fim percorrer as padarias e locais de venda do pão e informar-se das suas condições de higiene.

2.º Únicas. Estas comissões darão conta da sua missão e do que viram, ao sindicato que as nomeou, para que este proceda em harmonia com as conveniências.

2.º Esforçar-se por obter, por reclamações formuladas às juntas sanitárias, o seguinte:

que as massarias sejam isoladas, convenientemente, dos fornos, e vedadas de forma a evitar que nelas entrem fuligem ou pô, provocados, principalmente, pelo varrer dos fornos;

que as massarias sejam ladrilhadas a mosaico, e lavadas, pelo menos, duas vezes por semana;

que as massarias sejam reparadas amudadamente, evitando-se, assim, que nelas se acumulem massas que apodrecem e cuja putrefação tanto pode concorrer para o desenvolvimento de doenças contagiosas; que em todas as padarias, sejam criados gabinetes com guarda-roupas, banheiros, lavatórios, toalhas, etc.;

que nas padarias, que de futuro se construam, se tenha em atenção a abertura de portas e janelas, de forma a evitar que estas, estabelecendo fortes correntes de ar frio, interceptem a porta dos fornos, prejudicando os camaradas forneiros, e que nas padarias já construídas se remedie este mal, rasgando novas portas ou janelas e encerrando as que se julgarem prejudiciais;

que em "todas as padarias sejam colocadas escarradeiras e que estas sejam amuidadas vezes desinfetadas";

que os patrões forneçam aos seus assalariados, gorros brancos, que elas usarão enquanto durar o trabalho;

que seja proibida venda de pão em locais imundos e não apropriados, que não satisfazem aos necessários requisitos de higiene;

3.º Fornecer aos seus associados menos instruídos, noções de higiene, de sorte a obviá-las;

que elas escarem no chão das padarias, que elas fumem durante o período de tempo em que estão manipulando as farinhas;

que elas consintam, sem protesto formulado ao respectivo sindicato, que o patrão aproveite larinhas deterioradas para o fabrico do pão.

Comité pró-presos por questões sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas, este comité.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Sindicato dos Contramestres, Marinheiros e Mogos da Marinha Mercante

Realizam-se hoje e amanhã as festas comemorativas do 9.º aniversário do sindicato. Amanhã, pelas 14 horas, efectua-se a sessão solene. A direção convida, por intermédio deste jornal, os organismos operários a fazerem-se representar.

A situação em Moçambique ainda se não modificou

LOURENÇO MARQUES, 10 de junho.—A ordem e assunto do dia é a Revolução de que, até agora, se não sabe o verdadeiro carácter. Os telegramas chegados deixam vêr, claro, as intenções dos que, animados pelo espírito de revolução, se lançaram num movimento para "salvação" do País. Seja como for, não seguiram os revolucionários os passos que seguiram todos os que conseguem a vitória, pois constata-se que os perseguidos e vitimas dos governos de António Maria, continuam nos exílios e sofrendo como se essa figura sinistra ainda imperasse.

Não é, também, acontecimento esporádico, ver-se operários — aliás, inconscientes das vantagens da higiene — escarem no chão, forçados a transgredir, desta forma, as regras da higiene, já perda influência do ambiente imundo da padaria onde trabalham, já devido à não existência, naquele recinto, de escarradeiras.

As padarias transformam-se, assim, pelas suas precárias condições de higiene, em excelentes viveiros de microrganismos da tuberculose, da sífilis e outras doenças contagiosas. (Tentamos em atenção que um grande contingente, principalmente nas cidades, dos manipuladores de pão, é, infelizmente, de tuberculosos e sífilíticos).

Grande quantidade de operários, sem dúvida por desconhecimento absoluto dos princípios de higiene, trabalha de cabeça descoberta e sempre abaixada sobre a massa.

Grande parte, também pela mesma razão, fuma, enquanto está amassando ou tendendo.

11

Poucos ignoram que — regra geral — o único lito dos industriais é venderem a máxima quantidade de pão, nada se importando que a saúde pública corra perigo, em consequência da pouca higiene que habita nos locais onde é vendido o pão ao público.

Frequentíssimo é ver-se, por esse país fora, pão à venda em imundos locais, em

SOBRE EDUCAÇÃO

O engano dos que discutem as questões de educação doméstica, consiste em atribuir todos os defeitos, em imputar todas as dificuldades às crianças e nenhumas aos pais. Tanto no que diz respeito ao governo da família, como no que diz respeito ao governo da nação, supõe-se sempre que as virtudes estão do lado dos governantes e os vícios do lado dos governados.

A julgar pelas teorias de educação, parece que homens e mulheres se transformam, logo que as consideramos como pais ou mães. Todos os dias vemos que as pessoas com quem temos relações comerciais ou que encontramos no mundo, são culturais imperfeitas. Nos escândalos diários, nas rixas entre amigos velhos, nas falácias, nos processos, nos relatórios da polícia, encontramos diariamente a prova do egoísmo, da falta de probidade, da brutalidade geral, e contudo, quando se critica o mau procedimento das crianças, parece estar provado que aqueles que as educam, e que não são senão todos esses pescadores, não têm responsabilidade nenhuma no modo como procedem para com os seus filhos e filhas.

Tão longe está isto da verdade, que pelo que nos toca, não hesitamos em impor aos pais a maior parte das desavenças domésticas que ordinariamente se atribuem à perversidade dos filhos. Não dizemos que se dêem como pessoas bondosas e conscientes de si próprias, no número das quais esperamos poder colocar a maioria dos nossos leitores; mas afirmamos que o facto é verdadeiro na sua generalidade. Que espécie de cultura moral pode dar a mãe, que tem o hábito de sacudir brutalmente o filho quando este não quer mamar, como é comumente presenciado?

Que sentimento de justiça inculcará o pai, que avisado pelos gritos do filho de que este tem um dedo entalado numa porta, comece por lhe bater em vez de o socorrer? O facto foi-nos referido por uma testemunha ocular. Outro exemplo ainda mais frívolo e garantido também por uma testemunha directa: uma criança é conduzida a casa com uma perna quebrada e aí receberam-na batendo-lhe! Que esperança de educação moral pode conceber-se para essa criança? E' verdade que estes casos são extremos, são casos que denotam na criatura humana a presença desse instinto cego que leva o irracional a dar cabo dos filhos quando estão doentes ou feridos. Mas por mais extremos que sejam, oferecem tipos de sentimentos e de procedimentos que todos os observam em muitas famílias. Quem é que não viu uma criança ser muitas vezes espancada pela ama ou pelos pais, por causa da sua rabugice, raibugice originada pela falta de saúde? Quem há que não tenha ouvido uma cu outra mãe, ao levantar bruscamente uma pobre criança que caiu no chão, chamar-lhe estupida, com uma irracionalidade que para o futuro preságia uma série infinita de ásperas censuras? E o tom duro com que o pai ordena ao filho que esteja quieto, não mostra quanto ésta longe de compreender a sua maneira de sentir? Porventura as contrariedades pérpetuas e inúteis que fazem sofrer às crianças: por exemplo, a ordem de se assentear, quando numa criaturinha tão activa, a imobilidade deve produzir uma grande irritação nervosa; a proibição de olhar para fora pelas portinholas no caminho de ferro, quando isto é para uma criança inteligente uma privação séria, não indica isto tudo uma terrível ausência de simpatia? A verdade é que as dificuldades da educação moral têm uma dupla origem, e provém ao mesmo tempo dos pais e dos filhos. Se a transmissão hereditária é uma lei da natureza, como o sabem todos os naturalistas e como o repetem a experiência de todos os dias e os provérbios das nações, então na média dos casos os defeitos dos filhos são o reflexo dos defeitos dos pais. Dizemos a média dos casos; porque o facto da transmissão complicando-se com a inilúcia dos antepassados afastados, não pode ser verdadeira senão de um modo geral. E se na média dos casos essa hereditariedade de efeitos existe, as más paixões que os pais têm de combater nos filhos são exactamente as que elas próprias possuem.

Pode suceder que isto se não veja exteriormente, pode estar encoberto e oculto como outros sentimentos, mas é assim. Não se pode portanto evidentemente esperar que triunfe um sistema ideal de disciplina; os pais não são suficientemente bons para isso; o mantiveram durante 10 horas.

Protestamos contra a atitude arbitrária do capitão Costa, síntese das violências que sobre a população exerce a odiosa ditadura clerical-militar.

Não domingo preferido, quando o operário Manuel Martins andava, com outros, procedendo à distribuição dos referidos manifestos, um oficial do regimento 23, capitão Costa, rasgou na presença do distribuidor, exemplar que das suas mãos recebeu. O distribuidor fez-lhe sentir a incompreensão do seu proceder. O oficial, mal-entendido, esbofeteou-o. Manuel Martins respondeu-lhe no mesmo tom. O capitão Costa, enriquecido, numa ânsia de vingança, para atraer sobre o seu antagonista o ódio de multidão e das autoridades, desatou a chamar-lhe "carreirista", em altos berros.

Surgiram os agentes da polícia, cabo 11 e o polícia 69, que se inteiraram do ocorrido, hesitando em prender o operário insubordinado. Um tenente, cujo nome ignoramos, intervém, neste momento, impondo aos agentes da polícia a prisão de Manuel Martins, que foi levado para a esquadra, onde manteve durante 10 horas.

Protestamos contra a atitude arbitrária do capitão Costa, síntese das violências que sobre a população exerce a odiosa ditadura clerical-militar.

Conforme anunciamos veio no passado domingo a esta cidade uma excursão promovida pelo Centro Socialista do Bomfim, do Pórtico.

A excursão, que era composta por próximo de 1.500 pessoas, recebeu as boas vindas na Sociedade de Defesa e Propaganda da Coimbra.

Em seguida realizou-se uma romaria ao túmulo de Joaquim António de Aguiar, emérito vulto liberal do século XIX, e autor da lei da extinção das congregações religiosas.

A comissão do Centro Socialista do Bomfim, ofereceu uma lápide em homenagem à obra daquele estadista. Na cerimónia do descerramento da lápide, fizeram uso da palavra os professores Tomás da Fonseca e Almeida Costa, que pronunciaram dois magníficos discursos de propaganda anti-clerical e nos quais vincaram os benefícios efetivos para a emancipação das consciências da obra de Aguiar. Foi especialmente na instrução onde estes efeitos melhor se reúnem, pois que antes da extinção das congregações religiosas.

A comissão da festa de auxílio às famílias dos presos Cristóvão da Silva Pinheiro e José dos Santos Azevedo, pede aos camaradas que passaram ou tenham bilhetes em seu poder, para virem hoje sem falta à sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa prestar as suas contas, pois que a situação daqueles camaradas é bastante precária.

A comissão comunica também que recebeu 15.000 por pagamento dos bilhetes que o Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra passou.

A comissão administrativa da seção dos estudantes do S. U. C. C. previu todas as pessoas que ficaram com bilhetes para a festa de auxílio a Artur Pinho Alonso, que esta, por motivos imprevistos, fica sem efeito.

Todos os que quiserem que o produto dos bilhetes seja entregue a um filho menor do mesmo camarada podem fazê-lo, entregando-o à comissão escolar.

Previnem-se os camaradas que ficaram com bilhetes para a festa de auxílio a José Vilhena, que esta fica transferida para o dia 29 de Agosto próximo.

A comissão de instrução da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa promove, amanhã, pelas 15 horas, uma visita de estudo à importante fábrica de malas dos srs. Joaquim Costa, Limitada.

Visita de estudo

A comissão de instrução da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa promove, amanhã, pelas 15 horas, uma visita de estudo à importante fábrica de malas dos srs. Joaquim Costa, Limitada.

Duma terra lavrada ou cultivada não nasce sómente trigo, mas sim uma civilização inteira. — LAMARTINE



CARTA DE COIMBRA

O despejo violento no Largo Sá de Miranda — Um símbolo patronal — Atitude injustificável — Uma manifestação anti-clerical

COIMBRA, 15.—Sobre o primeiro assunto, que fazemos desenvolvida referência, recebemos do Comissário Geral da Polícia, a seguinte nota oficiosa:

«O Conselho Disciplinar do Corpo de Polícia desta cidade, tendo reunido hoje para julgamento dos guardas 108 e 111, que eram acusados de intervir no despejo da casa n.º 20 da rua de São João, resolvem por unanimidade aplicar a pena de suspensão de vencimento e exercícios por 15 dias ao guarda n.º 108 por se provar que, sendo chamado a intervir, empregou o nome do Comissário Geral para se revestir de autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do

RECORDANDO...

Asneiras bíblicas

VI

Vamos a terminar. O leitor, por muito devoto que seja, em face de tantos disparates deve estar edificado. Mas, antes de pôrmos o ponto final neste leigo e despretencioso trabalho, mais algumas tolices do Evangelho, *livro sublime* no consenso unânime duns fraseologistas que nunca leram.

Diz Jesus, falando aos seus discípulos:

«Vós sois o sal da terra; e se o sal se corrompe (1), com que será salgada o que a terra?...? Não serve para mais nada senão para ser deitada fora (a terra).»

E do Evangelho, no célebre e tão celebrado e admirado sermão da Montanha.

No *Evangelho de São João* (pois quem há de gabar a novela...), capítulo XXI, v. 23, Jesus assegura a Pedro que o discípulo amado (o próprio São João) não morrerá (sic). «Eu quero que ele fique até que eu volte...» diz ele textualmente.

A promessa é confirmada no *Evangelho de São Mateus*, cap. XVI, v. 28.

O diabo foi que o Cristo ficou tão bem morrido que, a-pesar-da sua promessa não pôde voltar à terra. E o discípulo amado, tendo envelhecido muito, perdeu as ilusões, e, cansado de esperar por sapatos de defunto, fez a trouxa e girou, levadinho nas asas *di* a morte, que foi mesmo um

consolado que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do

Comissário Geral para se revestir de autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do

Comissário Geral para se revestir de autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do

Comissário Geral para se revestir de autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do

Comissário Geral para se revestir de autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do

Comissário Geral para se revestir de autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do

Comissário Geral para se revestir de autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheio o prestígio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu, em virtude do procedimento do